

Extelar: uma metodologia dialética de produção de conhecimento

Volmir José Brutscher¹, José Francisco de Melo Neto²

Resumo

Os grupos de pesquisa, vinculados ou não à institucionalidade, objetivam uma efetiva produção de conhecimento em algum campo específico e em um certo tempo. Incentivam o aprofundamento das escolhas epistemológicas dos membros participantes e, necessariamente, enfatizam ou desenvolvem uma ou várias metodologias, acompanhadas de métodos e técnicas para levarem a cabo os desafios da produção teórica e material. Então, cabe a pergunta: que metodologia(as) há nas ações de ensino, pesquisa e extensão do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (Extelar) que podem constituir a sua marca? A resposta é que há uma metodologia específica no desenvolvimento das atividades, orientada pelas categorias teóricas: movimento, contradição e crítica, na busca dialética de avanços civilizatórios à sociedade. A partir das ações práticas e estudos teóricos do grupo, este texto objetiva apresentar e especificar essa metodologia e refletir sobre seus componentes.

Palavras-chave

Extelar. Metodologia. Dialética.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil; professor na Universidade de Pernambuco, Pernambuco, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR/CNPq). E-mail: volmir.brutscher@upe.br.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; estágio pós-doutoral pela Universidade de São Paulo, Brasil; professor na Universidade Federal da Paraíba, Brasil; fundador do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR/UFPB/CNPq). E-mail: melonetojf@gmail.com.

Extelar: a dialectic methodology of knowledge production

Volmir José Brutscher³, José Francisco de Melo Neto⁴

Abstract

The research groups linked or not to institutionality, aim at an effective knowledge production in a specific field and at a certain time, besides motivating their participating members' epistemological choices intensity and, necessarily, emphasize or develop a methodology or several of them, with methods and techniques to carry out the challenges of theoretical and material production. Consequently, came the question: What methodology(ies) are there in the teaching, research, and extension actions of the Research Group in Popular Extension (Extelar), which can constitute its brand? The answer is that there is a specific methodology in its activities development guided by theoretical categories: movement, contradiction, and criticism, in the dialectic search for civilizing advances in society. Based on the group's practical actions and theoretical studies, the text aims to present and specify this methodology and reflect on its components.

Keywords

Extelar. Methodology. Dialectic.

³ PhD in Education, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil; professor at the University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil; member of the Popular Extension Research Group (Extelar/CNPq). E-mail: volmir.brutscher@upe.br.

⁴ PhD in Education, Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; post-doctoral internship, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; professor at the Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil; founder of the Popular Extension Research Group (Extelar/UFPB/CNPq). E-mail: melonetojf@gmail.com.

O Grupo de Pesquisa Extelar: um convite à memória

O objetivo deste artigo é refletir e sistematizar a metodologia de produção de conhecimento do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (Extelar), recorrendo à sua concepção histórica, à análise de diferentes conjuntos de conhecimentos científicos e à análise de movimentos específicos de sua atual produção compartilhada de conhecimentos.

O Extelar teve origem no final do século passado (1999), em meio a um ambiente acadêmica e politicamente promissor, tomado de expectativa e esperança de transformação, tendo nos movimentos sociais populares importante protagonismo e a promessa de um outro exercício de poder, participativo e descentralizado. Quando projetado e implementado, a intenção do Grupo foi dar evasão ao espírito do momento, à luz da ciência, sistematizando e potencializando experiências e a produção do conhecimento, propósito que ainda se mantém. Os fundadores do Extelar, educadores ligados ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFPB) ou orgânicos de organizações da sociedade civil, comprometidos com a produção compartilhada do conhecimento e com a luta por direitos e por transformação social, o definiram como um grupo que nascia da

confluência de vários aspectos teóricos e práticos, presentes nos trabalhos de extensão, voltados aos setores populares da sociedade, desenvolvidos pela Universidade Federal da Paraíba e outras entidades no Estado e no País. É decorrente de um movimento de ideias e experiências, permeado de questões, nesses trabalhos, que cobram seu aprofundamento (Extelar, 1999, n. p.).

A preocupação era com o aprofundamento rigoroso, científico, das questões epistemológicas, sociológicas, pedagógicas e políticas que permeavam o ambiente cultural e social da época.

Entre os objetivos do grupo, estava o da produção de conhecimento comprometido com os interesses e causas dos setores e movimentos sociais populares na disputa e na construção de um projeto democrático de sociedade com menos desigualdade e mais justiça social. Esta perspectiva sempre foi o mote da educação e da extensão popular, que questionam a pseudoneutralidade da ciência e da educação e assumem a dimensão política, tomando o lado dos trabalhadores e das classes populares. Buscava-se, na extensão popular, a inserção científica e política, ou seja, na ação social transformadora, os fundamentos e a base para a atuação comprometida no ensino e na pesquisa. Na *Carta de princípios* de fundação do Grupo, os objetivos recebem a seguinte redação:

O estímulo ao desenvolvimento de projetos que fomentem a interação entre iniciativas de extensão popular; A análise crítica de experiências e formulações teóricas, no campo da extensão e da educação popular, possibilitando a interculturalidade e o enriquecimento da formação acadêmica dos participantes do grupo; A produção teórico-acadêmica voltada à extensão popular e educação popular, resultante de seus estudos e pesquisas; A perspectiva de que o produto da realização de projetos de extensão é fundamento ontológico do ensino e da pesquisa na universidade; A discussão e o fomento da extensão na UFPB, no sentido de seu inter-relacionamento com o ensino e a pesquisa; A manutenção do debate sobre o papel social da universidade; O incentivo a autonomia e a autogestão de empreendimentos solidários populares voltados à produção econômica que contemplem ações educativas promotoras da cidadania crítica e ativa (Extelar, 1999, n. p.).

Destaca-se, na citação, a preocupação com a extensão popular como fomento ao ensino e à pesquisa, a inquietação com o papel social da universidade, com o incentivo a empreendimentos populares e à cidadania crítica e ativa.

A concepção de pesquisa, do grupo, é de que cada pessoa é capaz de desenvolver um processo de investigação, refletindo, analisando e produzindo sínteses críticas, ainda que sempre provisórias, da realidade de qualquer projeto que se pretenda executar, trazendo à luz intenções, interesses e novidades encobertas. No coletivo, este processo é potencializado. Na Carta de Princípios desse Grupo, a visão de pesquisa é expressa nos seguintes termos:

A pesquisa é compreendida como a investigação a respeito daquilo que está se apresentando de forma interrogativa, convidando qualquer um para desenvolver a reflexão crítica sobre a questão surgente. É um trabalho do pensamento e, necessariamente, da linguagem, no sentido de descortinar aquilo que estava encoberto. É, ainda, uma visão de totalidade dessas realidades enquanto que se encaminha para sínteses. Estas, contudo, continuam abertas a novas interrogações, na perspectiva de mudanças, desenvolvendo um sistemático enfrentamento à barbarização social e política de um povo (Extelar, 1999, n. p.).

Evidencia-se a postura interrogativa, o convite e a confiança na capacidade de todos e todas para a reflexão crítica, a opção pela comunicação, a preocupação com a análise abrangente da realidade e com a produção de sínteses sempre abertas a novas interrogações e, principalmente, o propósito do enfrentamento ao caos social e político.

Os objetos de pesquisa são diversos, em geral, fornecidos pela realidade, por sua conjuntura e disputa, destacando-se os fundamentos da extensão universitária – extensão popular e educação popular; as relações de poder na extensão e na sociedade; as práticas de

empreendimentos solidários e populares; as metodologias participativas; a avaliação qualitativa das atividades de extensão; os expoentes da educação popular e seus legados; e o próprio processo de produção de conhecimento.

Passado o tempo, o Extelar, ao desenvolver as atividades de ensino e pesquisa, continua alinhado aos propósitos fundantes. Hoje, talvez mais que na época, vem produzindo conhecimentos nos seus campos definidos, ativando principalmente as áreas de educação e de saúde, e, em permanente atualização, expressando um convite à reflexão e à sistematização de sua concepção e metodologia.

Metodologias, métodos e técnicas: reflexões teóricas

É comum que existam debates fervorosos e, comumente, incompreensões sobre estes conceitos no ambiente da pesquisa acadêmica. Isto parece ser devido à pouca exploração a respeito da temática da teoria do conhecimento. Na Pós-graduação em Educação essas incompreensões, ou mesmo divergências, aparecem de forma muito explícita quando da realização dos projetos de pesquisa, tanto na especialização, no mestrado e até no doutorado, recaindo aos/às orientadores/as a demanda de superação desses obstáculos. Para contribuir no seu enfrentamento, vamos abordar o sentido e significados dos termos ‘metodologia’, ‘método’ e ‘técnica’ e as suas recorrentes diferenciações.

De modo geral, a **metodologia** diz respeito à visão geral de mundo, uma filosofia de como ver o mundo e nele viver. No campo das ciências experimentais, isto se traduz por um jeito muito próprio, estático, do fenômeno em estudo.

O **método** é expresso como um caminho para se atingir uma meta, o processo procedimental para se chegar a um resultado, ou o caminho na relação entre o sujeito e o objeto de pesquisa. Nessa relação, a ênfase está no objeto; é ele que concentra a prioridade na relação epistemológica. Desse modo, infere-se que o conhecimento depende, primeiramente, do objeto que o contém e, secundariamente, do sujeito que busca a sua apreensão. Esse método outorga para si a denominação de científico.

Já a **técnica**, ou o arsenal dela, constitui as formas de coleta de dados, os instrumentos utilizados e a análise. As técnicas fazem parte de uma estratégia de caminho que pressupõe: a observação controlada, ou seja, não se trata de um mero olhar; a coleta de dados, mediante técnicas e instrumentos previamente definidos, tentando o controle das variáveis escolhidas; a análise estatística; e a generalização, cujo desejo e esforço passam pela universalidade do

conhecimento gerado (criação de leis universais). O caminho básico dela é o desenvolver-se das partes para o todo, do particular para o universal – um processo indutivo, portanto. Os verbos definidores de seus objetivos são, primordialmente: comprovar, apresentar, demonstrar, testar, avaliar, estruturar, relacionar e sinônimos. O seu metateórico é Karl Popper.

Vistos, mesmo que superficialmente, os conceitos acima, vamos relacioná-los a alguns pressupostos teóricos sobre conhecimentos científicos.

Procedimentos metodológicos da construção do conhecimento a partir de conjuntos habermasianos

A partir de uma leitura habermasiana (Habermas, 2012), pode-se organizar os conhecimentos científicos nos seguintes conjuntos: o das ciências empírico-analíticas, o das ciências histórico-hermenêuticas e o das ciências sociais críticas.

Ciências empírico-analíticas

As ciências empírico-analíticas são aquelas cujos projetos de pesquisa são mais adequados às possibilidades de quantificação – sobretudo na Física, Química, Psicologia e Biologia – assim como os de outros campos que estejam assim direcionados. Abordam, então, as investigações mais plausíveis de verificação pela experiência e afeitas às análises matemático-estatísticas, a exemplo de análises multivariadas. Os instrumentos ou técnicas de coleta de dados são previamente testados a partir de categorias anteriormente definidas. Quanto às variáveis, a lógica é mantê-las sob total controle. Na exposição final dos produtos da pesquisa, contudo, convém observar que a simples apresentação de gráficos ou o uso de tabelas e percentuais não é exatamente o que caracteriza uma pesquisa quantitativa.

Nessa metodologia, muito comumente denominada de científica, o pesquisador é visto como alguém neutro politicamente, o que é entendido como a máxima de objetividade, na relação sujeito e objeto. A realidade está dada e é invariável. O conhecimento está nos dados coletados. A ideologia se esconde em certa visão tecnicista e funcionalista da sociedade e por trás de uma falsa neutralidade ou razão acrítica. Um exemplo de projeto de pesquisa nesse campo pode ser o seguinte: A água do Rio Jaguaribe, em João Pessoa, mostra condições de potabilidade para o consumo humano? A resposta só poderá advir a partir da abordagem quantitativa de determinadas variáveis com controle.

A crítica de Popper (1980) ao método das ciências empírico-analíticas passa pela não aceitação da indução, base dessas ciências. Para ele, um objeto só informa sobre ele mesmo. Por isso, não considera a indução um caminho seguro para se chegar ao conhecimento geral. Segundo Popper, um conhecimento produzido sob análise de determinada amostra não pode passar de uma conclusão limitada e provisória. Esse mesmo autor ilustra tal situação apoiando-se em Bertrand Russel, com o exemplo do peru na véspera do Natal: por muito tempo, toda manhã, quando a porta do aviário se abria, ele recebia comida. Em um infeliz dia de 24 de dezembro, quando a porta se abriu, a conclusão lógica do peru era de que iria receber comida, mas não, naquele dia ele foi levado para o abate, a fim de servir de comida na ceia de Natal.

O problema da indução é que ela requer a observação e a experimentação contínuas, se elevando à regressão infinita. Assim, não pode afirmar nada com segurança absoluta, pois várias confirmações não são suficientes para assegurar a universalidade da afirmação, já que uma única negativa basta para invalidá-la. Para Popper, não há uma metodologia universal sem contexto histórico. Além disso, ao pensar em avanços sociais pelos conhecimentos, ele entende que é pela violação das regras metodológicas que pode acontecer o progresso científico. Isso não significa, entretanto, rejeitá-las. Segundo o estudioso, a ciência não tem padrões universais. Uma metáfora que expressa bem esse campo metodológico, seu método e suas técnicas é a fotografia. A ciência empírico-analítica consegue fotografar o momento, mas tem dificuldade em abarcar o filme que se segue.

Ciências histórico-hermenêuticas

Seguindo as concepções de Habermas (2012), deve-se destacar o grupo das ciências histórico-hermenêuticas. Neste conjunto, estão em destaque a história e qualquer campo de conhecimento que implique, necessariamente, na interpretação. Devido à sua polissemia, o método dessas ciências entende que há, nos sujeitos, certa sedimentação de sentidos e, então, busca lhes “arrancar” sentidos ou desvendar pressupostos implícitos nos dizeres, falas e em outras expressões. Em geral, a pesquisa neste campo se manifesta como abordagem qualitativa.

O seu método de compreensão pode realizar-se das partes para o todo. Apesar de fazer uso da mesma lógica ou movimento da indução, a perspectiva é bem outra, pois não está relacionada à verificação, mas, sim, à interpretação e à produção de sentido, construído em cada contexto ou cenário. No campo epistemológico, resgata a prioridade do sujeito sobre o objeto,

assegurando a premissa da subjetividade e da intersubjetividade na produção do conhecimento. Esse método se denomina de fenomenológico.

O método fenomenológico se ocupa com o estudo da consciência e dos objetos da consciência. A essência de cada coisa está nas ideias, nos sentidos e nos significados. O sujeito tem, portanto, a função de captar ou produzir os sentidos, os quais podem assumir maior preponderância que o próprio objeto. Desse modo, o elemento que impera é a intencionalidade do sujeito. A investigação que se estrutura sobre o método fenomenológico pode, inclusive, não se ocupar com o mundo que existe, com os problemas e possibilidades reais e de interesse da maioria, uma vez que a preocupação desse método é com o modo como o conhecimento do mundo ocorre ou como esse conhecimento se realiza em cada pessoa como sujeito. É a busca de algo escondido, às vezes, nas metáforas utilizadas pelos sujeitos. Marcam presença e recebem atenção, na metodologia em questão, as coisas, as imagens, fantasias, atos, sentimentos... que constituem as experiências da consciência. Um problema de pesquisa nesse campo poderia ser: Quais os sentidos que são revelados pelos professores/as da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sobre a atual gestão acadêmica, diante da sua não escolha pela comunidade universitária?

Em nível técnico, pode-se dizer que essas ciências deslindam o seu fenômeno de estudo por meio de entrevistas, depoimentos, vivências, narrações, relatos coletivos ou individuais e mesmo memórias. É o campo da hermenêutica, da análise e interpretação dos significados por trás das manifestações. Têm assento nessa metodologia os gestos, a oralidade, os núcleos temáticos e as categorias que, na pesquisa, são definidas, *a posteriori*, às coletas de dados. As técnicas das ciências histórico-hermenêuticas são úteis, principalmente, para a Psicologia, Educação, Psicanálise e, obviamente, para a própria História.

Ainda sobre esse conjunto de conhecimentos científicos, pode-se afirmar que sua ideologia se esconde em uma razão que parece avançar para a crítica, mas, geralmente, é calcada pela reprodução do que já se impregnou na sociedade. As concepções dominantes, contraditoriamente – já que se esperam interpretações diversas –, são facilmente reafirmadas. Os mais adequados verbos que caracterizam os objetivos da pesquisa fenomenológica são: identificar, examinar, recuperar, revelar e registrar.

O metateórico desse campo de conhecimento é Gadamer. Para ele, desafiante é o próprio método nessas ciências, também denominadas “ciências do espírito” (Gadamer, 1998), que segue a moda do método científico. Uma palavra polissêmica para essa metodologia, método e técnicas, é a radiografia, que busca captar mais o interior.

Ciências sociais críticas

Outro conjunto de conhecimentos é o das ciências sociais críticas. Nesse campo científico, a crítica é a ferramenta teórica sobremaneira importante na produção do conhecimento resultante das pesquisas. O conhecimento é submetido a um movimento de pensamento, caracterizado como uma abordagem que expõe as dimensões positivas e negativas de um fenômeno em análise e que, diante do movimento teórico (a crítica), avança para uma síntese nova ou uma tomada de decisão. As ciências críticas apresentam como método a dialética. A história, o movimento e suas contradições são constantes dessa metodologia. Nos métodos anteriores, os fenômenos de estudos são considerados em um estado fixo. Na dialética, são considerados em movimento.

Em Platão, esse movimento se constituía como um caminho do pensamento, um movimento de ascese, do mundo das coisas (sensível) para o mundo das ideias. Um movimento de elevação do pensamento humano, que se transporta para além da materialidade do mundo real (Melo Neto, 2011). Em Hegel, aprofundando a dinâmica do movimento, os fenômenos são analisados e percebidos como permeados de contradições, as quais se dão nas próprias determinações da história, por meio de momentos múltiplos e infinitos, mas como manifestação da razão absoluta (Brutscher, 2005). Por meio do caminho dialético, estabelece-se o ponto de partida da pesquisa como a primeira tese, ainda no campo das ideias, da consciência. O movimento do pensamento encontra as tensões e contradições no seu interior – estas serão as antíteses à tese inicial, formatando uma nova tese ou superando a tese inicial. Pode-se entender, portanto, que, em um exercício dialético, o conhecimento se produz a partir de uma tese, confrontada por uma antítese, ou por várias, resultando em uma síntese (nova tese). É a construção do pensamento de uma forma evolutiva e que, em Hegel, ocorre na consciência, ou seja, é o movimento da consciência, da razão, do espírito absoluto.

Por sua vez, em Marx (Marx; Engels, 1998), o caminho se dá seguindo a trilogia hegeliana – tese, antítese, síntese. Há que se considerar, contudo, que, se em Hegel (2002) o movimento da dialética tem início na ideia, em Marx isso ocorre, tão somente, a partir do mundo real. A realidade se posta de forma anterior à consciência e é a sua definidora. As coisas, na dialética de Marx (Marx; Engels, 1998), antecedem as ideias. A trilogia da dialética marxiana pode ser atualizada ou percebida em projetos sociais, que orientam para reflexões, em especial coletivas, implicando novas decisões de ações. Traduzem o movimento desta trilogia: a ação, a reflexão e a nova ação.

O ponto de partida das ciências sociais e críticas expressa sínteses iniciais acompanhadas de suas determinações históricas. Daí, avança-se para as análises, firmando-se novas sínteses para além daquela inicial. Dá-se um movimento que elabora o concreto no pensamento em direção a uma abstração. Por fim, pode-se expressar o método para essas ciências como um movimento de pensamento que vai do real, construindo o concreto (real mais as suas determinações), passando pelas análises, por meio de abstrações, e atingindo um novo concreto repleto de pensamento. O método dialético utiliza um conjunto variado de técnicas para a coleta e a análise de dados e é aplicado em variadas temáticas de pesquisa (Marx, 1978).

Nesse campo do conhecimento, a metodologia contempla uma filosofia que vê o fenômeno em estudo sempre em movimento qualitativo ou quantitativo. Ambas as abordagens são possíveis, destacando-se a utilização da pesquisa-ação, da pesquisa historiográfica, da pesquisa participante ou, até, da entrevista compreensiva de Kaufmann (2013), como exemplos que recorrem à dialética.

Essa metodologia recupera a história do fenômeno e as suas múltiplas determinações, restabelecendo a relação entre o todo e as partes. A sua razão é uma crítica que pretende desvendar conflitos e contradições contidas nos fenômenos ou nos problemas em estudo.

O método dialético, por sua vez, é apoiado nas teorias críticas, cuja razão é, essencialmente, transformadora ou emancipatória. O mundo está à espera da transformação (Cardoso, 1990).

A práxis, produto da ação e da reflexão simultâneas, e o seu processo, estão presentes em todos os momentos da análise dialética. Os verbos que ajudam na definição dos objetivos em seus projetos são: explicar, formular, relacionar, interpretar, elucidar e seus sinônimos. Um exemplo de projeto nesse campo metodológico pode ser: Como elucidar as metodologias utilizadas pelo Extelar, como grupo de pesquisa, na produção de conhecimento, durante o tempo de sua existência?

Convém destacar que, no método dialético, não há preponderância entre sujeito e objeto, mas uma relação que expressa ou se funde em uma síntese. Há uma construção teórica do concreto a partir do real, movimentando-se pela abstração. Há a produção do concreto (o real e as ideias sobre si) no pensamento. Seu início acontece, todavia, a partir do mundo real, que, por meio de suas determinações, constituirá um novo real, permeado de pensamentos.

A realidade está em permanente movimento. O método constrói o todo pelas partes (análise) e das partes para o todo (síntese), em suas condições concretas e em seus entornos materiais e históricos. Por esta metodologia, as coisas do mundo estão relacionadas em uma

grande interdependência. Uma palavra polissêmica para representar essa metodologia, método e técnicas poderia ser o filme, que mostra o movimento, as contradições e a ação.

Um obstáculo para o exercício do método dialético tem sido a incompreensão sobre o significado dos termos de determinações históricas, que marcam fortemente seus fenômenos de estudo. O metateórico desse campo é Jürgen Habermas.

A esta altura da conversa, pode-se perguntar: Há outros métodos que aparecem no cenário da pesquisa que poderiam ajudar ou que se inserem no interior dessas metodologias apresentadas?

Outros métodos

Há alguns outros métodos que, mesmo tendo a sua importância, em geral, fazem parte das abordagens anteriormente apresentadas, estão nelas embutidos ou lhes são úteis. Conservam, assim como os já apresentados, a mesma nomeação – métodos –, porém, a rigor, poderiam ser denominados de movimentos do pensamento. Podem aparecer nos mais variados estilos de produtos acadêmicos, como artigos, dissertações, teses e até nas explicações de questões do cotidiano. Além do mais, os pesquisadores, no interior dos métodos apresentados, podem adotar movimentos específicos e elaborar variações, que requerem fundamentação para serem aceitos na pesquisa.

Há uma chuva de métodos: à medida que se avança na pesquisa, o investigador pode elaborar o seu plano e, em alguns momentos, utilizar métodos paralelos, como o indutivo e dedutivo. O primeiro se assume como um conhecimento produzido a partir da coleta de dados em fenômenos diversos (unidades) e, a partir dos resultados das amostras, avança para uma generalização. Pode-se dizer que é o método que conduz o pensamento das partes para o todo. Um exemplo pode ser: os planetas x , y , z e k observados apresentaram trajetórias circulares, logo a conclusão é de que todos os planetas do sistema solar têm trajetória circular. O método científico indutivo tem início pelas unidades, pelas partes, e avança em direção às distintas experiências. Aliás, o saber popular e o saber científico têm origem em experiências (Melo Neto; Cruz, 2017).

A crítica mais forte ao método indutivo partiu de Leibniz (1990). Para ele, o empirismo inglês apresentava uma tentativa de querer reduzir o racional ao fato, ou seja, a razão ao fato, caindo em uma contradição, porque a razão não pode se transformar em algo fático, pois assim deixaria de ser razão.

O método dedutivo, de bastante utilidade aos pesquisadores da Matemática, vai do todo para as partes. Ambos os métodos, indutivo e dedutivo, foram utilizados por Aristóteles em sua lógica de pensar. No que se refere à dedução, esse filósofo foi uma referência nos estudos lógicos – para exemplificar, propagou o silogismo “Todo homem é racional. Pedro é homem. Logo, Pedro é racional”. A dedução foi muito utilizada na Idade Média pelos escolásticos que atingiram certo patamar de conhecimento. Vários desses conhecimentos, no entanto, foram desmentidos, posteriormente, pela verificação científica.

Outro método que merece atenção é o intuitivo, podendo ser sensível ou espiritual. A intuição espiritual, por sua vez, pode ser intelectual e emotiva. Este método é defendido por muitos, mas de difícil aceitação entre os que atuam nas pesquisas experimentais e em análises quantitativas. A intuição, e até mesmo a indução, levou a humanidade, por muito tempo, a assegurar que o Sol girava em torno da Terra.

Há, ainda, o método da maiêutica, de Sócrates, e a dialética, de Platão. Para esses filósofos, a verdade era algo inato ao humano, os conhecimentos já existiam em vidas anteriores. Para Sócrates, a atitude do “pesquisador” consistia em incentivar a memória para reanimar aquilo que já era de seu conhecimento.

Outro método de grande repercussão nas pesquisas científicas é o de René Descartes (1973). Este, em seu livro sobre o método, mostra que é possível chegar ao conhecimento a partir de regras que, se bem observadas, podem levar o pesquisador a atingir conhecimentos confiáveis. Para isso, o método cartesiano utiliza-se da evidência, da análise, da síntese e da enumeração. É clássica a conclusão de Descartes diante da dúvida epistemológica e da busca de evidências: “Se duvido, então, penso; se penso, logo, existo”. A lógica se apresenta como ferramenta do pensamento presente, em especial, na Filosofia e, também, na Matemática.

Não se podem ignorar as críticas mais ácidas aos métodos da produção do conhecimento, com origem no que se denomina de paradigmas das ciências pós-modernas, que ficam carecendo, aqui, de mais estudos. Neste artigo, ficaremos limitados a fazer a constatação de sua existência. Há, inclusive, pesquisadores defendendo o abandono de metodologias e de métodos para a produção do conhecimento.

Um obstáculo mais amplo para a discussão epistemológica nas ciências críticas e sociais é a formação básica do pesquisador. Essa formação acontece, normalmente, na universidade. Na graduação, tem-se uma introdução. De forma mais aprofundada, estudam-se sobre a produção do conhecimento científico e os caminhos para isso, na pós-graduação. Os componentes de metodologias, contudo, são, em geral, denominados de “métodos e técnicas de

pesquisa”. Os programas expõem mais uma “receita” de como fazer pesquisa: formulação do problema, revisão da literatura, quadro conceitual e formulação de hipóteses... A questão epistemológica, entretanto, “é simplesmente escamoteada, ignorada, ou se ministram aulas de lógica formal” (Pinto; Arrazola; Thiollent, 2014, p. 63).

Afinal, qual é a metodologia que, de forma mais frequente, é utilizada nas produções do Extelar, em suas atividades de ensino, de pesquisa ou quando realiza projetos de extensão?

Buscaremos mostrar essa metodologia e respectivas técnicas utilizadas na coleta de dados, de informações e na sistematização, quando da elaboração dos artigos da *Coleção saberes em Educação Popular*, projeto vinculado à realização dos Seminários Nacionais de Pesquisa em Extensão Popular (SENAPOP), os quais contabilizam quatro edições ao todo. Desses artigos, já foram produzidos dois livros da coleção, intitulados *Educação Popular: autoras e autores da Paraíba*, volume 1 e volume 2 (Oliveira *et al.*, 2020; 2022).

Com os membros do Extelar, também foram analisados momentos de formação interna, quatro ao todo. Essa formação se apoiou em determinada concepção, métodos e técnicas de socialização, leitura e discussão de textos. Entende-se que, juntos, esses procedimentos podem compor uma metodologia. Além dessas ações, a visão filosófica e ideológica de mundo do grupo também é considerada, conforme as variadas produções de dissertações, teses, artigos e eventos. Trata-se, portanto, de atividades e elaborações que expressam movimento e identificam contradições, apresentando a crítica como um esteio em toda a sua produção intelectual. Assim, ousamos dizer que a metodologia de condução da produção de conhecimento no Extelar se identifica com a metodologia das ciências sociais críticas e com o seu respectivo método, a dialética, com sua variedade de técnicas de coleta de dados. Cabe, assim, uma nova pergunta: Que dialética?

Metodologia do Extelar: algumas considerações

Sem pretensão de enquadrar ou restringir a riqueza de diversidade que caracteriza o Extelar, as considerações vão no sentido de refletir e sistematizar a concepção geral do grupo, limitando-se, entretanto, a analisar dois movimentos significativos que estão ocupando a atenção da equipe atualmente: a elaboração dos artigos da *Coleção saberes em Educação Popular*, projeto que se iniciou com o I SENAPOP, e a formação interna da equipe a partir da socialização, leitura e discussão de textos que relatam a aproximação e experiência de seus membros com a Extensão Popular.

A elaboração dos artigos da Coleção Saberes em Educação Popular

A produção de textos para a *Coleção Saberes em Educação Popular* tem tido início com uma exposição oral do autor, a partir de uma entrevista semiestruturada conduzida por membros do Extelar. A elaboração de um texto cobra sempre da imaginação do autor o acervo teórico que lhe é evocado pela memória. Este acervo teórico e prático constitui o conjunto de abstrações na “cabeça” do/a autor/a ou pesquisador/a, além das determinações do próprio fenômeno em estudo. Trata-se de uma construção que ocorre pela abstração. É no esforço de apreensão e sistematização que esse processo teórico se materializa, iniciando-se pelo real, pela memória da militância, organização e luta. O concreto, o texto apresentado, é a soma desses conteúdos teóricos da memória e imaginação do autor, o real e as suas determinações. O real é algo que carrega abstrações e que, depois de encontradas as suas determinações, constitui-se em concreto pensado.

O fenômeno, o real e as determinações dele, e as abstrações do autor vão se constituir como expressão da primeira síntese. Vive-se, nesta síntese, o primeiro movimento do pensar do grupo: um movimento da abstração para a construção do concreto, mesmo que o real anteceda a abstração. O conjunto de abstrações que inspira o autor e os elementos teóricos que determinam a coisa mesma constroem o fenômeno (esse real). É a realidade como uma síntese que contém suas determinações, um concreto no pensamento. Um movimento que vai do real (concreto) para a abstração, um outro estágio do mesmo real.

No grupo, tem ocorrido, em seguida, a apresentação e exposição do texto escrito, o mesmo texto oral, agora, transcrito e apresentado em forma de artigo. O/A apresentador/a comenta e avança a leitura até o final. Em seguida, continua o diálogo com os comentários e as reflexões dos membros presentes. Essa exposição e discussão do texto escrito inicia um novo caminho da abstração, delineando-se as contradições e impasses contidos no próprio texto. É um novo movimento em construção, surgindo das intervenções abstratas originárias, iniciais (do texto oral), avançando para novas abstrações (do texto escrito, apropriado e reelaborado pelo coletivo). Um movimento que tem contemplado as observações e considerações, isto é, as abstrações, dos membros presentes ao debate, adicionadas às do autor. Esse movimento novo vai daquelas abstrações ou determinações iniciais, quando da construção do real, presentes no próprio texto, para novas abstrações, postas por seus comentadores. Um movimento, portanto, da abstração para novas abstrações, intermediado pelo concreto inicial, avançando para o concreto pensado.

Formação interna a partir da socialização, leitura e discussão de textos

A lógica do processo de formação interna do Extelar é semelhante à da elaboração dos textos para a coleção, mas, nesta, o processo se inicia com pesquisadores externos (entrevista semiestruturada com convidados) e naquela se inicia com pesquisadores internos, em geral, com mais caminhada junto ao grupo. Outra diferença é que o foco não é a elaboração, mas a percepção da concepção, dos aprendizados e dos desdobramentos possíveis.

No primeiro momento, os pesquisadores socializam um artigo de sua autoria em que relatam, em forma de memorial, o seu processo de contato, aproximação e experiência com a educação e, principalmente, extensão popular (os caminhos que levaram ao conceito de extensão popular). Também indicam a leitura de um texto de outro autor, muitas vezes Paulo Freire, que lhes foi inspirador. Em geral, os autores revelam descobertas, surpresas, contradições e aprendizados com a inserção em comunidades, com o contato popular, levando-os a um comprometimento com as causas populares. O texto traz uma tese, uma concepção, uma abstração do real, que é a do pesquisador extensionista e militante. Os membros do grupo leem o texto e anotam o que ele desperta de significativo neles.

Em seguida, a partir da leitura e das anotações, o texto é discutido no coletivo. Para melhor conduzir e aprofundar o debate, o momento é preparado por dois pesquisadores. Em geral, a condução é no sentido de se perceber o processo, a trajetória e o caminho realizados pelo autor em direção à extensão popular; os estranhamentos, os conflitos e as descobertas que levaram à mudança de concepção e de atitude; a mensagem e o legado do texto para o grupo e para a sociedade em geral; possíveis contradições ou possibilidades de complemento, entre outros. Os membros socializam, comentam e debatem as observações. O autor participa mais ouvindo do que falando, mas, quando solicitado e em momentos estratégicos, apresenta observações, justificativas, argumentos *etc.* A preocupação não é com julgamentos e defesas, mas em perceber o real, as determinações e as abstrações e em aprender com o processo realizado. As experiências individuais implicam, a partir das constatações, observações e reflexões, o processo do coletivo. O exercício tem a pretensão de fazer com que os participantes tentem tomar certa distância da prática vivenciada, para admirá-la criticamente e, a partir daí, realizar uma reflexão conceitual coletiva que, por sua vez, vai criando identidade, animando e reorientando as práticas futuras. As reflexões do coletivo elevam as abstrações para um outro estágio, para o concreto pensado e repensado, produzindo novas sínteses, mantendo o processo aberto e em movimento.

Movimentos da transformação

No Extelar, a satisfação de um produto acabado requer que ele tenha passado pelos movimentos da dialética. O grupo tem cobrado mais e mais de seus participantes. No primeiro movimento, a abstração maior vai sendo exigida para se atingir o fenômeno, o algo, a coisa em si mesma. No momento seguinte, o concreto (o real e suas determinações) se expõe finalmente permeado de novas abstrações, isto é: um movimento das abstrações, comentários e contribuições postos pelo grupo, no nível da (re)construção do concreto, que poderão ser adicionados a este, efetivando um novo concreto.

Como se pode perceber, as abstrações do segundo movimento vão constituir o conhecimento seguro, como um concreto recheado de pensamentos, de abstrações, conhecimento agregado pelo grupo. Tal processo desencadeia um terceiro movimento: o da abstração ao novo concreto. Este vai da abstração ao concreto explicitado por todas as determinações teóricas, um concreto (re)pensado. O movimento metodológico do Extelar, a partir dessas ações participativas, mostra um desenvolvimento para o conhecimento que se desloca, no geral, da abstração ao concreto pensado, tendo como anterioridade o real (dado, fenômeno, abstrações, determinações iniciais).

De maneira didática: o movimento da produção do Extelar vem se operacionalizando por meio dos movimentos adiante listados: Movimento 1: do real (concreto em construção) para o abstrato; Movimento 2: do abstrato (põem-se mais pensamentos) para outro abstrato/reflexões do grupo (permeado pelo concreto); Movimento 3: do abstrato dois (parte do 1 e do 2) para o concreto pensado (um novo concreto, o real transformado).

Ao explicitar esse caminho, pode-se dizer que o real (o fenômeno) passa por uma elaboração teórica, a partir de formulações diversas – um trabalho teórico. Nessa caminhada, buscam-se relações simples, que são aquelas que melhor explicam os fenômenos em estudo. A pesquisa vai ao encontro das relações mais gerais do fenômeno, por meio de formulações qualitativas, podendo também usar dados quantitativos. Finalmente, o concreto último é produto dessas relações epistemológicas simples e gerais (conhecimento). É aquilo que foi agora descortinado.

Dessa maneira, entende-se que a elaboração de projetos – sejam de pesquisa, extensão ou de ação social – e o seu desenvolvimento passam pelos seguintes movimentos:

- a) O primeiro, a síntese: do real (algo mesmo, a coisa, podendo ser uma ideia e suas determinações) ao abstrato;

- b) O segundo, a análise: do abstrato para novos abstratos, descortinando-se as determinações que caracterizam o fenômeno, o real. A análise acompanha forte lógica interna;
- c) O terceiro, uma nova síntese: do abstrato (em 1 e 2) ao concreto pensado. Há, nesse momento, o destaque às relações simples e gerais que envolvem o fenômeno, o problema ou a questão, ocorrendo, portanto, um retorno ao real inicial após a abordagem teórica e cheia de pensamentos. É uma outra maneira de se expor o método dialético: Síntese – Análise – Síntese (nova).

Acontece aí a dimensão protréptica da dialética em questão (Carneiro; Cesarino; Melo Neto, 2003), isto é, provocativa e constantemente propositiva. Isto aparecerá no item a seguir, das considerações, quando se finda o trabalho teórico ou em projetos com ações práticas que nunca são considerações finais.

Considerações finais

A compreensão daquilo que o Extelar vem exercendo é complexo. O esforço para se fazer algo diferente, fora do alinhamento geral de um positivismo dominante, no campo da produção do conhecimento, é tremendo. Essa dominação se expressa no campo da produção de conhecimento e em outras áreas, com políticas e práticas que não promovem análises críticas. A dominação detesta a crítica, o autoritarismo detesta a crítica e está pouco preocupado com as mudanças necessárias à sociedade. Ademais, pensar fenômenos em movimento sempre tem sido desafiador ao campo epistemológico.

Estudantes e docentes do Extelar, todavia, não estão em busca de caminhos abreviados ou acabados. O seu esperar tem gosto freireano, que se atreve a contribuir com as mudanças sociais necessárias a todos os cidadãos, atuando naquelas ações que se colocam como possíveis, num determinado momento. O Extelar está se propondo a contribuir para o enfrentamento do positivismo acrítico e descompromissado ética e socialmente.

Cada movimento explicitado neste artigo carrega consigo possibilidades outras a serem construídas pelos próprios eternos aprendizes do fazer conhecimento científico, mesmo que sem tantas certezas.

Referências

BRUTSCHER, V. J. **Educação e conhecimento em Paulo Freire**. Passo Fundo: IFIBE; IPF, 2005.

CARDOSO, M. L. Para uma leitura do método de Karl Marx – Anotações sobre a “Introdução” de 1857. **Cadernos ICHF**, Niterói, n. 30, 1990. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/cadernosdoichf/issue/view/EP30>. Acesso em: 21 mar. 2024.

CARNEIRO, G. M. S.; CESARINO, H.; MELO NETO, J. F. **Dialética**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2003.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os pensadores v. 15).

EXTELAR. **Carta de Princípios**. João Pessoa: Centro de Educação UFPB, 1999.

FELIPE, S.P.; MELO NETO, J. F. Saber popular e saber científico. *In*: MELO NETO, J. F.; CRUZ, P. S. C. (org.). **Extensão popular, educação e pesquisa**. João Pessoa: CCTA, 2017.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista**. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF, 2012.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 2002.

KAUFMANN, J. C. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LEIBNIZ, G. W. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1990.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. Tradução de Edgard Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MELO NETO, J. F. **Diálogo em educação: Platão, Habermas e Freire**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

OLIVEIRA, A. F. *et al.* (org.). **Educação popular: autoras e autores da Paraíba**. João Pessoa: CCTA, 2020.

PINTO, J. B. G.; ARRAZOLA, S. D.; THIOLENT, M. J. M. (org.). **Metodologia, teoria do conhecimento e pesquisa-ação**. Belém: UFPA, 2014.

PLATÃO. **Os pensadores**: diálogos: o banquete – Fédon – sofista – político. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

POPPER, K. R. **A lógica da investigação científica**. Tradução de Pablo Ruben Mariconda e Paulo de Almeida. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Submetido em 26 de dezembro de 2023.

Aprovado em 11 de fevereiro de 2024.